



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

JAYANNE SANTOS BEZERRA

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
a importância e a contribuição da afetividade na relação professor-aluno

JOÃO PESSOA
2013

JAYANNE SANTOS BEZERRA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
a importância e a contribuição da afetividade na relação professor-aluno**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, na Área de Aprofundamento Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora: Prof.^a Ms. Laura Maria de Farias Brito.

JOÃO PESSOA

2013

JAYANNE SANTOS BEZERRA

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
a importância e a contribuição da afetividade na relação professor-aluno**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal da Paraíba como
requisito para obtenção do grau de Licenciado
em Pedagogia, na Área de Aprofundamento
Educação de Jovens e Adultos.

João Pessoa, _____ de _____ de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Laura Maria de Farias Brito – UFPB
Orientadora

Examinador I

Examinador II

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus
e à Maria Santíssima.

Aos meus pais, Jorge e Janicleide, pelo amor
e cuidados que sentem por mim.

Às minhas irmãs, Jacyanne e Joyce.

Aos meus sobrinhos, Maria Clara e Gabriel.

Ao meu namorado, Thiago Jorge.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por essa imensa vitória e por se fazer sempre presente na minha vida, me fortalecendo a cada momento.

Agradeço também a Nossa Senhora, por sua poderosa intercessão.

Aos meus, pais Jorge e Janicleide, pelo enorme carinho e amor que têm por mim e por todo o incentivo que dedicaram aos meus estudos.

Às minhas irmãs, Joyce e Jacyanne, e a toda minha família, carinhosamente, pelo grande apoio para minha chegada nessa etapa.

Ao meu namorado, Thiago Jorge, amorosamente, por estar sempre ao meu lado e me encorajar a cada dia.

À Professora Laura Maria, pelos ensinamentos e orientações tão relevantes para minha formação.

Às minhas amigas do Curso de Pedagogia, pelo laço de amizade que surgiu entre nós e por fazerem parte da minha formação.

À minha amiga e professora Genicleide, por sua sincera amizade e pelo enorme apoio aos meus estudos.

A todos os professores durante minha trajetória escolar até o ensino superior pelo compromisso, profissionalismo, competência e dedicação que tiveram para ensinar.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação.

"Acho que a felicidade é uma espécie de susto; quando você vê, já aconteceu. Ela é justamente uma construção pequena de todos os dias!"

(Pe. Fábio de Melo)

RESUMO

A afetividade é um fator indispensável e colaborador no processo de desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Portanto, a dimensão afetiva é relevante no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. A preocupação é identificar como a afetividade proporciona um bom relacionamento entre o educador e o educando na construção do conhecimento na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O objetivo deste estudo está inserido na perspectiva de compreender a importante contribuição da afetividade na relação professor-aluno e a aquisição de saberes na EJA. A metodologia da pesquisa é de caráter qualitativo e exploratório, utilizando-se as técnicas de observação, questionário e entrevista. Destaca-se como referencial teórico Freire (1996), Leite (2012), Luck e Carneiro (1985). A análise dos dados apresentou como é significativa para os alunos e professores da EJA a afetividade para o processo do conhecimento. Percebemos que a importância e a contribuição da dimensão afetiva nessa relação é imprescindível para o processo cognitivo do educando, contribuindo para a permanência e o interesse do mesmo pelos estudos.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos. Afetividade. Cognição. Aprendizagem.

RESUMEN

El afecto es un factor indispensable y colaborador en el proceso de desarrollo cognitivo del individuo. Por lo tanto, la dimensión afectiva es importante en la enseñanza y el aprendizaje de los estudiantes. La preocupación es identificar cómo la afectividad ofrece una buena relación entre el educador y el alumno en la construcción de conocimiento en forma de Jóvenes y Adultos (EJA). El objetivo de este estudio es insertado con el fin de entender la importante contribución de la afectividad en la relación profesor-alumno y la adquisición de conocimientos en la EJA. La metodología de la investigación es cualitativa y de carácter exploratorio, utilizando las técnicas de observación, cuestionario y entrevista. Destaca por ser un marco teórico, Freire (1996), Leite (2012); Luck; Carneiro (1985). El análisis de datos se presenta como importante para los estudiantes y profesores de la EJA afecto para el proceso del conocimiento. Nos damos cuenta de que la importancia y la contribución de la dimensión afectiva en esta relación es esencial para el proceso cognitivo de la educación, lo que contribuye a la permanencia y el mismo interés por los estudios.

Palabras clave: Educación para Jóvenes y Adultos. El afecto. La cognición. El aprendizaje.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 COMPREENDENDO A EJA	12
1.1 FUNÇÕES DA EJA	14
1.2 SUJEITOS DA EJA (EDUCADORES/EDUCANDOS)	15
2 AFETIVIDADE NA EJA: uma questão a ser compreendida e defendida.....	21
3 AFETIVIDADE NA EJA: registros e análise de uma prática.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICES	40

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está inserido no cerne da perspectiva de entender com mais precisão a relevância da afetividade estabelecida nas relações entre professor e aluno na modalidade da Educação de Jovens e Adultos - EJA, pois se percebe que tal fator é necessário para o favorecimento de um bom relacionamento na construção de uma aprendizagem significativa dentro do ambiente escolar.

O nosso objeto de estudo consiste em identificar os aspectos que levam à existência do vínculo afetivo na relação professor-aluno como uma condição relevante para a aprendizagem e a permanência do educando na escola.

As bases teóricas de referência para análise da problemática estão inseridas num aspecto multirreferencial, ou seja, através dos pensamentos de diversos autores para que a compreensão dos aspectos levantados nesse estudo seja significativa.

Segundo os autores do suporte teórico desse estudo, a afetividade existente na relação entre professor e aluno é de suma importância para o processo educativo, já que pode vir a constituir um diferencial que possa transformar a aprendizagem em uma experiência de “sucesso” ou “fracasso”. Tendo em vista que muitos alunos da EJA se sentem desmotivados a irem à escola por não conseguirem muitas vezes conciliar o trabalho e as responsabilidades pessoais com os estudos, a criação de uma boa relação entre o educador e o educando pode ser um elemento facilitador para a permanência do aluno na escola.

O interesse por essa temática surgiu diante da participação na monitoria de um evento, cuja programação contemplou apresentações de trabalhos acadêmicos relacionados à temática da afetividade no processo de ensino-aprendizagem no ensino fundamental, despertando, assim, o nosso interesse em realizar este trabalho na Educação de Jovens e Adultos. Portanto, é necessário entender melhor como a forma afetiva possa estar intrínseca nas relações pedagógicas com os alunos na EJA.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e exploratória, com uma abordagem de análise teórico-prática, na qual os procedimentos e métodos adotados terão como base as pesquisas bibliográficas, observações, entrevistas e questionários à luz do referencial teórico selecionado para o estudo, no qual destacamos, principalmente, Freire (1996); Brunel (2004); Leite (2012); Gadotti (2003); Mahoney;

Almeida (2005); Luck e Carneiro (1985) para coleta de informações, havendo, desse modo, contato direto com a temática deste estudo.

A nossa investigação partiu dos seguintes questionamentos: Como é vista uma boa afetividade na relação professor-aluno na EJA? Será que a afetividade está presente nas práticas pedagógicas da EJA? Como os alunos e os professores da EJA percebem a importância do vínculo afetivo no processo educativo? Quais as necessidades e expectativas dos docentes e educandos da EJA ao que se refere ao bom relacionamento na construção do conhecimento?

Assim, busca-se, ao longo do trabalho, refletir sobre tais questionamentos na expectativa de compreender a contribuição da afetividade entre professor e aluno para o processo de ensino e aprendizagem. Definimos os seguintes objetivos específicos: a) compreender como o vínculo afetivo contribui na relação professor-aluno na modalidade da Educação de Jovens e Adultos; b) analisar a importância da afetividade no processo de construção do conhecimento do educando da EJA; e, c) perceber a valorização que o docente atribui ao aspecto afetivo na educação.

Entendemos que a relevância do estudo e pesquisa sobre esta temática se expressa pelo fato de percebermos melhor como esse vínculo está intrínseco dentro do âmbito escolar a partir de uma visão de alunos e professores da EJA. Neste sentido, torna-se imprescindível uma abordagem para melhor compreensão da Educação de Jovens e Adultos – EJA enquanto uma das modalidades importantes da educação básica.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta uma compreensão da EJA, buscando contextualizá-la no tempo e no espaço enquanto uma modalidade de ensino da educação básica. Registraremos contradições e descasos, mas também as lutas, as conquistas e os avanços teóricos e metodológicos a partir das ideias de Paulo Freire, instigando de forma significativa a condução das práticas de EJA na perspectiva da educação popular, considerando as características e especificidades dos sujeitos que a compõe: educadores e educandos.

No segundo capítulo, discutiremos o eixo norteador desse estudo: a afetividade presente na relação professor-aluno. Para a compreensão da dimensão afetiva, nos reportamos às principais contribuições de dois teóricos da psicologia: Henri Wallon e Lev Vygotsky. O educador Paulo Freire também traz implicações sobre a afetividade, da qual a mesma extrapola a conceituação de ser só o carinho e

o abraço, mas é o respeito aos saberes do educando, a atenção retribuída, o bom relacionamento, o saber ouvir, entre outros. A dimensão afetiva e a cognição são elementos indissociáveis no desenvolvimento humano. Portanto, mostraremos, assim, como estes dois aspectos precisam ser considerados e promovidos no processo de ensino-aprendizagem.

Apresentaremos, no terceiro capítulo, os resultados e a análise dos dados da pesquisa realizada junto aos alunos do Ensino Supletivo do Campus I da UFPB, cujo foco foi a afetividade na relação professor-aluno no interior do processo de ensino-aprendizagem.

Por último, apresentaremos as considerações finais, as referências e os apêndices.

1 COMPREENDENDO A EJA

Em certos momentos, o conceito da Educação de Jovens e Adultos – EJA é compreendido de forma errônea, por isso é necessário esclarecer e compreender melhor sobre a importância dessa modalidade que vem acelerando seu desenvolvimento no Brasil.

O caminho da EJA, enquanto modalidade de ensino, conforme Brunel (2004) teve início no Brasil a partir dos anos 90 e era basicamente dirigida mais aos adultos do que aos jovens. Porém, os jovens que pararam de estudar, que têm um histórico de repetências ou não concluíram o ensino regular são encaminhados para a EJA.

Assim, a Educação de Jovens e Adultos segue um perfil histórico e foi marcado por vários momentos que contribuíram para a sua conquista, como também mudanças ocorridas baseadas na atualidade do período histórico e documentos emitidos que expressam o valor e a importância da EJA, como a normatização na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/1), conforme o Parecer da Câmara de Educação Básica que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos:

A EJA, de acordo com a Lei 9.394/96, passando a ser uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, usufrui de uma especificidade própria que, como tal deveria receber um tratamento consequente (CNE/CEB 11/00, p. 2).

No início do ano de 2003, o Governo Federal brasileiro assumiu um compromisso de tratar a Educação de Jovens e Adultos como prioridade da Educação Básica, lançando junto ao Ministério da Educação (MEC), no mesmo ano, o “Programa Brasil Alfabetizado”, que tem como objetivo a alfabetização de jovens adultos e idosos, garantindo assim o acesso à educação.

Portanto, tais momentos e iniciativas foram de extrema importância para a reflexão dos princípios da EJA, fazendo, assim, com que os sistemas de ensino proporcionassem aos jovens e adultos “o acesso à escolaridade obrigatória, quanto às iniciativas de caráter preventivo para diminuir a distorção idade/ano” (CNE/CEB 11/00, p. 5).

¹ Conforme a LDB – Lei de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 –, Seção V, art. 37, a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Desse modo, a EJA é uma das modalidades da educação básica a qual é destinada ao ensino de jovens e adultos que não concluíram os estudos ou que não tiveram a oportunidade de acesso à escolaridade. É necessário reconhecer a educação não só com a finalidade de alfabetizar os jovens e adultos, mas também como um direito fundamental para a constituição de indivíduos críticos, autônomos e ativos na realidade que os mesmos vivem.

No Brasil, uma das importantes influências na EJA foram as ideias do educador Paulo Freire (1921-1997), que inspirou programas de alfabetização para adultos na perspectiva da educação popular. Freire passou a fazer parcerias com diversas instituições e associações com o intuito de alfabetizar adultos, porém, para esse educador, era preciso que essas parcerias fossem norteadas a partir do “paradigma da educação popular”, que atende tanto as necessidades educacionais quanto culturais.

A partir das ideias e propostas de Paulo Freire, foi aprovado “em janeiro de 1964 o Plano Nacional de Alfabetização, que previa a disseminação por todo o Brasil de programas de alfabetização [...]” (RIBEIRO *et al.*, 2001, p.23). Freire era a favor de uma educação que pudesse conduzir à conscientização do aluno para a liberdade e a criticidade de modo que venha a ser significativo para o mesmo.

Pensando a EJA na escola, é necessário facilitar o acesso do educando, como também sua permanência no ambiente escolar e, para que isso aconteça, é preciso um processo de reestruturação e reorientação curricular para escolas atuais que não foram pensadas e preparadas para atender este público de jovens e adultos. Isso se torna um novo desafio para as escolas, já que têm que criar as condições adequadas para que as mudanças efetivamente aconteçam.

Assim sendo, Gadotti (2003, p. 04) acrescenta que:

É preciso também pensar num tempo próprio, apropriado, para a reorientação e a reestruturação escolar, tempo para amadurecer as ideias, tempo para promover as mudanças necessárias. Temos pouca experiência democrática e nosso sistema educacional é vertical não favorecendo o envolvimento das pessoas.

É importante ressaltar a diferenciação nas classes de aceleração e os ciclos de formação. Nas classes de aceleração, como um meio didático-pedagógico, usa-se de uma metodologia própria que ensina alunos na faixa etária de sete a quatorze anos, “sincroniza o ingresso de estudantes com a distorção idade/ano escolar,

podendo avançar mais celeremente no seu processo de aprendizagem” (CNE/CEB 11/00, p. 5). Quanto aos ciclos de formação, a EJA “é uma categoria organizacional constante da estrutura da educação nacional, com finalidades e funções específicas” (CNE/CEB 11/00, p. 5). Logo, em relação aos ciclos de formação, a escola passa a organizar seu trabalho alterando seus espaços e tempos para que as experiências dos educandos sejam compartilhadas, auxiliando na construção da autonomia e do conhecimento baseados na própria realidade deles.

1.1 FUNÇÕES DA EJA

Muitos indivíduos que, diante da sua realidade de vida, não tiveram acesso ao sistema educacional na idade regular sofrem consequências e preconceitos na sociedade em que vivem. A Educação de Jovens e Adultos tem o intuito de alfabetizar e formar cidadãos para que tenham novas oportunidades de inserção no mercado de trabalho e também na vida social. Portanto, essa modalidade da educação básica “[...] busca formar e incentivar o leitor de livros e das múltiplas linguagens visuais juntamente com as dimensões do trabalho e da cidadania” (CNE/CEB 11/00, p. 10).

Assim, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais, à EJA são atribuídas as seguintes funções:

a) Função Reparadora: visa restaurar o direito do jovem ou adulto de frequentar uma escola de qualidade, direito este que lhes foi negado, como também permite o reconhecimento da igualdade de todos sentirem a segurança de enfrentar os desafios da vida. Contudo, é preciso de um modelo educacional que crie pedagogicamente situações que atenda às necessidades dos jovens e adultos, garantindo-lhes uma aprendizagem satisfatória e significativa e, assim, estabelecendo oportunidades para que o aluno da EJA tenha sua presença efetiva no âmbito escolar;

b) Função Equalizadora: vai dar novas oportunidades de reentrada à escola àqueles que, por motivos maiores, tiveram que ter responsabilidades (pessoais, familiares e/ou profissionais) muito cedo, como “trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados” (CNE/CEB 11/00, p. 9). Portanto, essa função busca possibilitar aos educandos

novas formas de equidade, considerando as necessidades e interesses de cada um, reestabelecendo sua formação no mundo do trabalho e na sociedade;

c) Função Permanente: também chamada de função qualificadora, têm a proposta de renovar e atualizar os saberes do educando, na qual a educação estimula o desenvolvimento potencial baseado no caráter, podendo ser atualizada em grupos escolares ou não escolares. Assim, para que a EJA desenvolva uma educação qualificadora, faz-se necessário estabelecer novas propostas que contemplem a concepção de EJA aqui já apresentada.

1.2 SUJEITOS DA EJA (EDUCADORES/EDUCANDOS)

O perfil dos educandos dessa modalidade básica é traçado considerando fatores diversos relacionados não apenas à faixa etária, mas à sua relação com o mundo do trabalho (na condição de trabalhador assalariado ou subempregado ou desempregado); à sua relação com a escola (conflituosa, contraditória); enfim, às suas condições de existências.

São sujeitos que não tiveram acesso à educação por inúmeros fatores oriundos da vivência familiar, condição socioeconômica, baixa autoestima, marcas do trabalho, entre outros. Logo, “os alunos e alunas da EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional” (BRASIL, 2006a, p. 5).

Assim, percebemos que os educandos da EJA trazem consigo uma visão e expressão de mundo, desejos, expectativas futuras e experiências que partem do seu contexto de vida, contexto esse marcado por grandes histórias de luta, de perseverança, de responsabilidades antecipadas devido ao trabalho e à família.

Pensando no perfil desses sujeitos, ressalta-se que a diversidade está ou precisa estar intrínseca na realização de trabalhos com esses educandos, pois existem diversas realidades e é preciso que sejam respeitadas tanto na escola quanto fora dela. Nesse sentido:

[...] os alunos jovens e adultos caracterizam-se como um grupo heterogêneo, do ponto de vista da faixa etária, da cultura, da visão de mundo e dos conhecimentos prévios. A imersão, por vezes precoce, no mundo do trabalho e a experiência social fizeram com que esses alunos acumulassem uma bagagem rica e diversa de

conhecimento e formas de atuar no mundo em que vivem (BRASIL, 2006b, p. 8).

Os alunos da EJA trazem consigo um conjunto de saberes, sendo capazes de aprender ainda mais a partir de interações com o meio escolar. É através dessa aprendizagem que terão a oportunidade de reelaborar as informações que já detêm em termos de conhecimento e, conseqüentemente, de visão da realidade. É preciso que o professor entenda que esses educandos são protagonistas de uma trajetória de histórias reais e de riquíssimas experiências vivenciadas a partir da sua respectiva realidade. A partir dessa visão, cabe ao professor trabalhar com situações reais da vida dos alunos, convidando-os a pensarem sobre o assunto que está sendo estudado naquela aula, dando-lhes voz para que expressem suas opiniões e relatem suas experiências articulando com a temática em discussão.

Considerando, ainda, os protagonistas dessa modalidade da Educação Básica pelas suas características e diversidades, os materiais utilizados nos procedimentos metodológicos deverão ser adequados para atender suas necessidades de aprendizes, com metodologias diferentes para que, assim, o jovem/adulto não se sinta infantilizado, pois essa visão passará a dificultar a aprendizagem do aluno, desrespeitando os saberes que ele já possui.

Nesse contexto, conforme Gadotti (2003, p. 21):

É uma humilhação para um adulto ter que estudar como se fosse uma criança, renunciando a tudo o que a vida lhe ensinou. É preciso respeitar o aluno através de uma metodologia apropriada, uma metodologia que resgate a importância da sua biografia.

Os jovens e adultos voltam à escola com visões de mundo diferentes, com curiosidades a serem esclarecidas e com o intuito de que suas expectativas em relação à educação sejam atendidas, resgatando os inúmeros conhecimentos que ele adquiriu durante sua vida.

De acordo com o “Caderno 01 – Alunos e Alunas da EJA” (BRASIL, 2006a), enfatizamos duas espécies de conhecimentos oriundos das experiências de vida desses educandos que são: o *saber sensível*, àquele que se refere ao saber originado das primeiras percepções do sujeito com o mundo, que tem como base os cinco sentidos, no qual é importante que seja estimulado pelo professor e que o resultado obtido seja valorizado de forma que abra as portas para a construção do

conhecimento científico; o *saber cotidiano*, que se refere ao saber baseado no “senso comum”, formado a partir das experiências e dos desafios enfrentados no dia a dia, valores éticos e modos de pensar construídos fora do ambiente escolar.

Contudo, para que esses saberes sejam estimulados e trabalhados a favor da alfabetização desses educandos, é necessário pensar, principalmente, na formação do educador, pois as aulas passarão a exigir desse profissional uma boa preparação. É importante que o educador, antes de tudo, conheça quem são seus alunos, sua cultura, suas opiniões, seus sonhos e expectativas, respeitando seus traços culturais, ou seja, que o professor passe a ler e entender a sua turma para que, junto com a equipe pedagógica da escola, os conteúdos e métodos escolhidos sejam adequados para se trabalhar com eles.

Frequentemente, os educadores da EJA se deparam com alunos desmotivados com a escola e até com eles mesmos. Dessa forma, reconhecer as capacidades que eles já possuem e saber ouvi-los faz com que esses alunos sintam-se sujeitos ativos e parte integrante do espaço escolar. Portanto, é preciso criar oportunidades para que esses protagonistas se revelem, dando voz aos mesmos, em que na perspectiva freireana o ato de ouvir é uma virtude pedagógica, uma vez que, como afirma Freire (1996, p. 43), “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”.

Ao trabalhar com os aspectos da realidade do educando, o professor fará com que eles se interessem pelo assunto que está sendo estudado em sala de aula, como é proposto pelas ideias do educador Paulo Freire sobre a importância da utilização de temas geradores na aula. Ou seja, trabalhar temas da realidade que sejam significantes para os alunos, abrindo um leque de novas oportunidades para que eles possam se expressar e compreender o que está sendo estudado, possibilitando uma aprendizagem significativa.

Paulo Freire propôs o que chamou de temas geradores: o educador e educando debruçam-se sobre aspectos da realidade que, mantendo ligação com o universo conhecido deles, são capazes de impulsioná-los para novas descobertas (BRASIL, 2006b, p. 11).

Portanto, cabe à escola acolher os aspectos motivacionais que fizeram o educando voltar aos estudos para que, no ambiente escolar, ele e o professor

possam juntos criar laços de confiança e respeito, tornando a aprendizagem essencial na vida do aluno. Quando o professor e os alunos quebram barreiras e passam a trabalhar juntos, criam uma relação de aprendizagem para ambos, ou seja, um aprendendo com o outro.

Na sala de aula da EJA, podemos encontrar pessoas que estão ali com o objetivo de aprender coisas novas que atendam às suas necessidades, esclarecer suas dúvidas, conhecer as experiências de outras pessoas, sendo um ser ativo para que eles não se sintam excluídos na sociedade letrada, pois é assim que muitos desses protagonistas da EJA acabam se sentindo perante a sociedade.

Diante desse contexto, esses educandos:

[...] buscam a escola para satisfazer necessidades particulares, para se integrar à sociedade letrada da qual fazem parte por direito, mas da qual não pode participar plenamente quando não domina a leitura e a escrita (BRASIL, 2006a, p. 11).

Desse modo, uma forma bastante gratificante para trabalhar com os alunos da EJA é desenvolver atividades grupais, uma vez que eles terão oportunidades de conhecerem melhor uns aos outros, criando uma forma de diálogo entre eles e favorecendo a partilha de experiências e conhecimentos. Porém, é comum que haja dificuldades para a constituição de grupos devido à diversidade de valores e culturas ali existentes. Sobretudo com o tempo das aulas, isso venha a ser modificado, nascendo o interesse de todos, através da forma que o professor agirá e conduzirá suas aulas, quebrando obstáculos e preconceitos e propondo situações para que isso aconteça. É importante que o professor pense estratégias para facilitar as tarefas em grupos, como, por exemplo, a organização do espaço que contribua para a relação dos alunos.

O professor exerce um papel de grande importância em qualquer área de conhecimento como mediador da aprendizagem, auxiliando o aluno na construção e reconstrução dos seus saberes. Na EJA, frequentemente, os alunos estão em situação de dificuldades e/ou fracasso escolar, em que alguns deles apresentam atitudes de nervosismo, vergonha, entre outros. Portanto, o professor deve mostrar um caminho novo e seguro para que esses alunos se sintam bem acolhidos, criando oportunidades para que saibam valorizar os conhecimentos que trazem consigo.

Diante dessa relação que vai surgindo, tanto o professor quanto o aluno passarão a partilhar saberes e experiências, aprendendo a todo instante na ação pedagógica, pois, como afirma Brunel (2004, p. 23), “segundo Paulo Freire, educadores e educandos se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato pedagógico, desvelando-a, conhecendo-a criticamente e recriando-a”.

No livro “Virtudes do Educador”, Paulo Freire expõe sua visão a respeito das virtudes e qualidades que são necessárias ao professor. Em sua visão, essas virtudes devem ser entendidas como uma forma de, através da sua prática, transformar a sociedade coletivamente, ou seja:

Estas virtudes não podem ser vistas como algo com o qual algumas pessoas nascem ou um presente que uns recebem, mas como uma forma de ser, de encarar, de comportar-se, de compreender, tudo o que se cria através da prática, na busca de transformação da sociedade. Não são qualidades abstratas, que existem independentes de nós, ao contrário, que se criam conosco (e não individualmente) (1982, p. 01).

Portanto, percebemos que o professor tem um papel social de grande relevância na e para a educação em virtude da sociedade perpassar por vários momentos de transformações e de lutas a cada instante. Nesse contexto, o educador poderá levar aspectos sociais contextualizados para seus alunos que facilitem a superação do senso comum, levando-os a construir um pensamento crítico.

É preciso considerar a importância da formação profissional do educador, pois ele precisará viver profundamente na sua atuação a relação entre a prática e a teoria. Para que essa relação seja ativa e presente na ação pedagógica cotidiana, é necessário que o educador tenha uma formação acadêmica e continuada, já que é algo que exigirá dele muito estudo. Assim, é preciso que o professor reflita criticamente sobre a sua prática de hoje para que possa transformar ou melhorar a próxima, “por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática” (FREIRE, 1996, p. 18). Portanto, a prática educativa exige essa reflexão do educador sobre sua ação, pois é através de sua avaliação que irá perceber como acontece o seu fazer para com os alunos.

Um aspecto que é imprescindível para o educador, principalmente o da EJA, é saber escutar e entender a realidade de mundo dos seus alunos, “não só no

campo cognitivo, mas no campo social, econômico e emocional”. (BRUNEL 2004, p. 34). É a partir desse saber e tantos outros que são necessários na prática docente que o professor irá perceber os impactos e as marcas da aprendizagem dos seus alunos, facilitando para que eles avancem na compreensão de mundo e na forma de estarem inseridos no mundo.

2 AFETIVIDADE NA EJA: uma questão a ser compreendida e defendida

O que é afetividade, afinal? Para melhor compreensão deste termo, nos reportamos, inicialmente, aos pensadores e autores que abordam esta questão em espaços e tempos mais remotos e buscamos trazer estas contribuições para identificar e compreender como se expressa e pode estar presente no interior das práticas da EJA.

A dimensão afetiva, de acordo com os pressupostos teóricos desse estudo, está vinculada ao processo de estado psicológico do indivíduo. Portanto, pesquisas têm demonstrado a relevância do afeto como mecanismo facilitador para aquisição e construção do conhecimento. Assim, é necessário entendermos sobre o significado da afetividade e suas implicações no desenvolvimento e comportamento humano como também sua importante contribuição na relação professor-aluno. No entanto, nos reportaremos às contribuições, principalmente, de dois grandes teóricos da área da psicologia, Henri Wallon (1879-1962) e Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), em que ambos defendem a relação da inteligência e do afeto como aspectos fundamentais para o desenvolvimento do sujeito.

Os estudos sobre a afetividade têm uma abordagem bastante ampla como um conjunto de sentimentos, emoções, valores e sensações e, assim, percebemos que a mesma é essencial em nossas vidas, como afirma Mosquera e STobäus (2006, p. 125).

Nos apercebemos claramente que a afetividade é fundamental para vida humana e que representa um dos aspectos mais significativos na construção de seres humanos mais saudáveis e especialmente, mais capazes de tomar decisões sábias e inteligentes.

De acordo com Luck e Carneiro (1985), o desenvolvimento afetivo está relacionado ao comportamento humano classificado atualmente como cognitivo, afetivo e psicomotor, envolvendo um conjunto de emoções e sentimentos significativos, portanto inseparáveis:

O comportamento humano é classificado, desde as definições atribuídas aos filósofos gregos, em três aspectos: pensamento, sentimento e ação, denominados, modernamente, como de domínio: cognitivo, afetivo e psicomotor (p. 19).

Deste modo, compreendemos que o estudo do comportamento humano não resulta na fragmentação desses três aspectos (cognição, afetividade e psicomotricidade), pois eles se relacionam entre si em qualquer situação, podendo um ser mais predominante que o outro, mas todos três elementos estão interligados. Assim, Luck e Carneiro (1985, p. 20) afirmam que:

É possível que, face a uma determinada situação, um dado comportamento evidencie muito mais um dos seus três aspectos. No entanto, os outros dois, embora menos intensos e até mesmo não aparentes, acham-se atuantes, de maneira a torna-lo possível.

Portanto, o afeto faz-se presente em todos os momentos/etapas da vida do ser humano, desenvolvendo elementos simbólicos facilitadores de suas representações.

Ao estudarmos sobre a dimensão afetiva, compreendemos que a emoção e a racionalidade estão ligadas a esta dimensão, porém surge a preocupação dos pressupostos teóricos deste estudo em superar as ideias que visam à divisão entre a razão e a emoção. Historicamente, segundo Leite (2012, p. 356-357), existe a concepção dualista, na qual a razão tem um poder hierárquico que controla a emoção, “cujas raízes vêm desde a Antiguidade, fortalecendo-se com a tradicional dualidade cartesiana entre corpo e alma, na Modernidade”; e a concepção monista, que compreende a razão e a emoção como elementos inseparáveis sem haver a possibilidade de estudá-los separadamente.

Nessa perspectiva, a concepção dualista compreende o lado emocional e racional como partes separáveis do processo de desenvolvimento, já a concepção monista defende que a afetividade e a cognição devem ser entendidas como partes integrantes de um mesmo processo. Assim, a ideia da concepção monista aborda a importância da contribuição da afetividade para o desenvolvimento psicológico do ser humano.

Henri Wallon, psicólogo, médico e filósofo francês, fundamentou suas ideias em quatro pontos basilares que se relacionam a todo instante: a afetividade, o movimento, a cognição e a formação do eu como pessoa. Para ele, esses pontos interagem a partir relação dialética existente entre o processo orgânico que está presente nos mecanismos iniciais do indivíduo e o social que se dá a partir da

relação do indivíduo com os agentes culturais, sendo considerados aspectos indissociáveis na constituição humana.

Com conceituação muito ampla, a afetividade é entendida eventualmente como a emoção. Contudo, Wallon faz a relevante distinção que existem entre esses dois fenômenos. De acordo com Leite (2012), para Henri Wallon, a afetividade desempenha um papel de grande relevância no processo de constituição e desenvolvimento da cognição do ser humano, determinado pelas vivências e interesses do indivíduo com origem psicológica. Já as emoções, na teoria walloniana, de origem biológica, desempenham uma função em que é estabelecida o primeiro vínculo entre o indivíduo e as pessoas que estão presentes no seu ambiente, ou seja, segundo, na perspectiva de Wallon, “as emoções são manifestações de estados subjetivos, mas com componentes orgânicos (contrações musculares, viscerais, etc.)” (LEITE, 2012, p. 360).

Tendo em vista que, sob a ótica de Wallon, a cognição está integrada à afetividade, que, por sua vez, passa há ocorrer em diversas fases do desenvolvimento, o psicólogo Lev Vygotsky apresenta uma posição de maneira semelhante, destacando a fundamental importância da relação entre a afetividade e a cognição no processo evolutivo humano. As ideias de Vygotsky ressaltam a relevância das interações sociais do indivíduo que acontecem a partir da mediação com o outro, ou seja, o desenvolvimento, segundo o psicólogo, pode ser compreendido por um processo de elementos culturais que vão das relações interpessoais (externo) para as intrapessoais (interno), mediados pela ação de um sujeito.

Nesse sentido, Leite (2012) destaca e explica, em seu artigo intitulado “Afetividade nas práticas pedagógicas”, as funções que caracterizam o ser humano segundo a perspectiva vygotskyana:

[...] o indivíduo nasce como ser biológico, fruto da história filogenética da espécie, mas que, através da inserção na cultura, constituir-se-á como um ser sócio-histórico. Ou seja, o ser humano nasce com as chamadas funções elementares, de natureza biológica. Cabe à teoria psicológica explicar como tais funções, a partir da inserção cultural, vão se constituir nas chamadas funções superiores, que caracterizam o ser humano (p. 360-361).

Desse modo, percebemos que essas funções se constituem no funcionamento psicológico que se dá a partir da inserção cultural do indivíduo, que é estabelecido através da interação e mediação com o outro.

Essa relação estabelecida entre o comportamento humano e a dimensão afetiva expressa, portanto, sua relevância no processo do desenvolvimento social e pessoal do indivíduo, considerando a correlação existente entre o domínio afetivo e o cognitivo. Assim, Leite (2012) aponta pontos em comuns que são percebidos nas ideias de Wallon e Vygotsky sobre o fenômeno da afetividade como contribuição no desenvolvimento cognitivo humano:

a) ambos assumem uma concepção desenvolvimentista sobre as manifestações emocionais: inicialmente orgânicas, vão ganhando complexidade na medida em que o indivíduo desenvolve-se na cultura, passando a atuar no universo simbólico, ampliando-se e complexificando-se suas formas manifestação; b) assumem, pois, o caráter social da afetividade; c) assumem que a relação entre a afetividade inteligência é fundante para o processo do desenvolvimento humano (p. 361).

Relembramos, assim, que o teórico Henri Wallon teoriza sobre a ligação entre a cognição e a afetividade, superando a ideia de dicotomizar esses dois aspectos tão relevantes para o desenvolvimento, tal como Vygotsky estabelece que a dimensão afetiva se dá a partir de uma interação entre os sujeitos e seus agentes culturais, facilitando o processo de aprendizagem. Entendemos que essa relação é tão precisa e necessária para o ensino, no qual enfatizamos aqui o de jovens e adultos.

Identificamos nas ideias desses dois pensadores muitos dos princípios que têm sido defendidos para a Educação de Jovens e Adultos e, conseqüentemente, a relevância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem.

Paulo Freire também deixa transparecer ricamente em sua obra “Pedagogia da Autonomia” a relação entre o afeto e o conhecimento ao afirmar que “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” (1996, p. 52). Freire explica que a contribuição e a relevância da afetividade acontecem através do respeito aos saberes e a cultura, a ética, a alegria, ao saber ouvir, o diálogo, ao querer bem aos alunos, o bom relacionamento, ou seja, tudo aquilo que favorece e promove a educação.

A dimensão afetiva, como apresentamos nesse estudo, é considerada um fator fundante nas relações interpessoais e para o desenvolvimento humano. No âmbito escolar, esse aspecto, conceitualmente, tem um sentido mais amplo que extrapola os cuidados, os abraços, os carinhos, pois envolve, principalmente, a partilha de saberes e experiências, as amizades, o respeito com o outro, à cultura, a busca do conhecer e entender as dificuldades dos alunos, o despertar no outro o interesse em aprender, tornando, assim, a afetividade um elemento indispensável no processo de ensino-aprendizagem. Vieira (2004, p. 9) explica que:

A afetividade é a capacidade de provocar mudanças no outro a partir de sentimentos despertados nele através da interação e da troca de experiências. Ela pode fazer com que o educando apaixone-se pelo conhecimento e descubra o prazer em aprender.

Do mesmo modo, a afetividade se expressa da mesma maneira entre os sujeitos da EJA (educandos/educadores). Como explicamos, a afetividade tem seu ponto inicial no fator biológico, passando a ser influenciada e constituída através da interação social. Portanto, quando ocorre a interação com outro jovem ou adulto, o educando passa a conhecer novos saberes e a construir novos valores e a entender o mundo com outro olhar.

A correlação entre a dimensão cognitiva e afetiva é de suma importância no processo educativo, pois auxiliará no desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Dessa maneira, Luck e Carneiro (1985, p. 23) afirmam que:

Em consequência, a identificação da correlação entre os domínios afetivo e cognitivo são do maior interesse para a educação, uma vez que, por meio dela, se poderá melhor influir sobre a promoção do desenvolvimento integral do aluno.

Podemos perceber, no entanto, que as relações afetivas que ocorrem dentro do contexto educacional são fundamentais para o conhecimento, pois a partilha de saberes implica a interação entre os sujeitos. Como explica Freire, a educação ultrapassa os conteúdos, métodos e técnicas porque enfatiza, principalmente, a relação professor-aluno, em que um tem a possibilidade de aprender com o outro, ou seja, “não há docência sem discência [...]. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (1996, p. 12).

A produção de conhecimento na escola se dá a partir da relação entre o sujeito (aluno) e o objeto (conteúdo), tendo como principal mediador o professor. Assim, essas relações que vão sendo estabelecidas não envolvem apenas a cognição, mas “também são marcadamente afetivas” (LEITE, 2012, p. 50).

Conforme Almeida e Mahoney (2007), Wallon distribui o papel da afetividade em estágios que passam a se expressar através de suas características (histórica e cultural) ao longo do desenvolvimento do ser humano. Neste sentido, como nosso trabalho é referente à educação de jovens e adultos, destacaremos a seguir a afetividade presente na fase da adolescência e da vida adulta:

- ✓ Estágio puberdade e adolescência (11 anos em diante)- aparece aqui a exploração de si mesmo, na busca de uma identidade autônoma, mediante atividades de confronto, auto-afirmação, questionamento. O domínio de categorias de maior nível de abstração, entre as quais a categoria temporal, possibilita a discriminação mais clara dos limites de sua autonomia e de sua dependência, acrescida de um debate de valores.
- ✓ Idade adulta- apesar de todas as transformações ocorridas nas fases anteriores, o adulto reconhece como o mesmo e único ser: reconhece suas necessidades, possibilidades e limitações, seus sentimentos e valores, assume escolhas em decorrência de seus valores. Há um equilíbrio entre “estar centrado em si” e “estar centrado no outro” (ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p. 19).

Desse modo, identificamos que nessas duas fases da vida o indivíduo se reconhece e valoriza sua autonomia, algo que precisa ser considerado pelo educador, pois a afetividade está nesse respeito à curiosidade, à identidade, à autonomia e às necessidades do educando, independente da fase da vida. É necessário compreender que a dimensão afetiva no processo educacional requer também considerar os limites, pois “os limites que facilitam o processo de ensino-aprendizagem, garantindo o bem-estar de todos os envolvidos são também uma expressão de afetividade” (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 24).

Nas atividades educacionais, é preciso que seja considerado tanto o aspecto cognitivo quanto o afetivo, uma vez que ambos têm forte influência na obtenção da aprendizagem, onde um está interligado ao outro. Ou seja, a aprendizagem não é apenas racional, pois os aspectos afetivos que permeiam a personalidade do aluno não serão deixados de lado.

No processo de avaliação que o docente irá realizar quanto à aquisição de saberes dos seus alunos, é preciso que considerar a aprendizagem do aluno não

apenas no campo cognitivo, mas em outros que também fazem parte desse processo. Por isso, Luckesi (2002, p. 85) afirma que:

Dar mais atenção ao qualitativo que ao quantitativo não significa dar mais atenção ao afetivo que ao cognitivo, e sim estar atento ao aperfeiçoamento, ao aprofundamento da aprendizagem, seja no campo afetivo, seja no cognitivo, ou no psicomotor.

Assim, o processo de avaliar é um ato em que o educador, a partir do acolhimento e reconhecimento do educando, faça um diagnóstico do mesmo, em que este seja como um recurso pedagógico, servindo de base para o docente e o discente na construção de si mesmos.

O professor, enquanto mediador do conhecimento, tem a responsabilidade de se relacionar bem ou não com seu aluno e será a partir desse relacionamento que irá influenciar de modo positivo ou negativo a aprendizagem. Na prática educativa, segundo Freire, existe uma relação importante em que a afetividade se faz real, que é entre a alegria e a esperança, pois “a esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria” (1996, p. 29). Assim, quando a afetividade está presente na relação entre o educador e o educando, há um processo positivo e facilitador na construção do conhecimento.

Tendo em vista que na sala de aula da EJA há realidades diversificadas dos protagonistas ali presentes, é necessário que se crie possibilidades de ensino que beneficiem “um ambiente favorável para os alunos, visando ao estabelecimento de vínculos de ‘aproximação’ com os conteúdos e práticas desenvolvidos” (LEITE, 2012, p. 83-84).

Desse modo, para criar essas condições, deve se ter a princípio o cuidado e o interesse de conhecer as especificidades dos alunos jovens e adultos, porém é importante ressaltar que eles chegam à escola com um fator em comum: as condições que não favoreçam a ida à instituição educacional ou a conclusão dos estudos na idade regular, como a repetência, responsabilidades profissionais e familiares, entre outros. Esta afirmação se confirma no depoimento de uma das nossas entrevistadas:

Depois que parei várias vezes eu tive vontade de voltar, mas devido ao compromisso com meus pais, casa e tudo, aí eu não tive tempo.

Ou eu me disponibilizava para cuidar deles ou cuidava da vida. Então eu preferi cuidar mais deles e infelizmente não voltou assim tão rápido, mas agora que eu consegui colocar a vida mais ou menos em ordem, que minha mãe está com as minhas irmãs, eu voltei a estudar e quero fazer ainda uma faculdade (Ar.; Operadora de rádio, 45 anos).

Percebemos, através desse relato, a importância do professor entender a realidade dos seus educandos, como também conhecer o principal motivo que o fez voltar a estudar. Daí a relevância de construir a afetividade positivamente, aumentando o interesse do aluno em aprender mais.

Sendo um fator tão importante e indispensável para a aquisição do conhecimento, a afetividade na relação professor-aluno na EJA proporciona oportunidades para minimizar as dificuldades que são encontradas dentro do âmbito escolar. Conforme Luck e Carneiro (1985), os domínios cognitivos, afetivos e psicomotores estão a todo instante se inter-relacionando e devem ser evidenciados e promovidos no processo educacional para facilitar o desenvolvimento do aluno.

O referencial teórico desse estudo aponta pressupostos em que a dimensão afetiva não só acontece através das relações interpessoais, mas também tem a capacidade de se expressar através do trabalho pedagógico ativo em sala de aula. Portanto, é neste trabalho que o professor irá tomar importantes decisões, criando vínculos afetivos na sua mediação pedagógica, já que é por meio do ato de ensinar que se constrói a cumplicidade na interação estabelecida entre o professor e o aluno.

Dieikson (2010, p. 06) explica como o ensinar na dimensão afetiva deve ser refletido pelo educador, quebrando a dicotomia entre a cognição e afetividade:

Por isso, faz-se necessário uma consciência do/a educador/a – enquanto sujeito mediador/a do processo ensino-aprendizagem – de que não basta apenas educar para a afetividade, é preciso educar na afetividade. Isto implica em uma nova práxis, pois o/a educador/a que não sabe para que educa e por que educa, acaba reproduzindo a educação tradicional que privilegia a razão em detrimento da emoção. Para o educador/a consciente da importância da afetividade na construção do conhecimento de seus educandos/as, toda ação torna-se uma ação transformadora.

É assim que percebemos mais ainda a relevante contribuição da afetividade na aquisição do saber e no desenvolvimento humano.

A sala de aula da EJA é um lugar diversificado, construído a partir da heterogeneidade nas crenças, experiências, idades e valores que passam a serem compartilhados através das relações ali presentes, ou seja, um espaço de formação humana que é desenvolvido no processo de ensino-aprendizagem vinculado à afetividade. Dessa maneira, o aluno dessa modalidade, ao se deparar com o ambiente escolar, procura naquele contexto a acolhida necessária para que tenha um impacto positivo em sua vida. Assim, como afirma Leite (2012, p. 84):

[...] o ambiente de sala de aula deve ser planejado de forma a garantir todas as condições possíveis no sentido de que as experiências aí vivenciadas produzam impactos afetivos positivos, o que aumentará a chance de o aluno continuar o seu processo escolar.

Portanto, o autor nos esclarece como é necessário no cotidiano da escola impactar elementos positivos que sirvam favoravelmente no desenvolvimento cognitivo e afetivo desses alunos jovens e adultos.

Na prática pedagógica, o educador, ao criar uma relação de respeito, na medida em que ensina sem rotular nos alunos atitudes e palavras em que estes se sintam incapazes, mesmo quando é preciso fazer uso da autoridade, suas aulas passam a ter um grande e valioso significado, pois, como nos diz Freire, é importante, sobretudo, que o professor queira bem aos seus alunos e a sua própria prática de ensino, sem ter medo de expressar a afetividade de maneira autêntica, selando pelo seu compromisso para com os educandos.

A afetividade, ainda de acordo com Freire, não pode interferir no exercício de autoridade do professor, mesmo ele tendo pelo aluno um maior ou menor afeto. Destacamos, ainda, que o ato de ensinar com esta dimensão afetiva deve estar presente no próprio processo de formação (acadêmica) do educador.

A aprendizagem dos alunos da EJA acontece também além dos muros da escola, ou seja, o conhecimento passa a ser influenciado pelas vivências e experiências compartilhadas um com o outro, pois é a partir dessa interação, de acordo com a perspectiva de Vygotsky, que o sujeito passará a compreender e entender o mundo em que está inserido. Daí reforçamos a ideia de como a dimensão do afeto e a cognição estabelecem marcas importantes no processo educativo, principalmente desses alunos jovens e adultos, que trazem consigo uma bagagem de saberes adquiridos ao longo da vida e o grande interesse de voltar aos

estudos para aprender mais, tendo em si a perspectiva de que esses saberes serão bem acolhidos no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, Freire (1996, p. 53) afirma que “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje”.

3 AFETIVIDADE NA EJA: registros e análise de uma prática

A pesquisa de campo desse estudo foi realizada no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (CE/UFPB), onde funciona o Ensino do Supletivo² localizado no bairro Castelo Branco, na cidade de João Pessoa/PB.

O Supletivo do Campus I da UFPB, fundado no ano de 1993, tem o objetivo de atender os funcionários e seus dependentes a partir dos dezoito anos de idade, nos turnos da tarde e noite. Atualmente, o Supletivo é formado por 116 docentes, 370 alunos e 11 turmas distribuídas por turno.

Nosso primeiro contato com os alunos que frequentam o Supletivo da UFPB deu-se através do Estágio Supervisionado V do curso de Pedagogia, durante o mês de julho de 2013, em uma turma do 3º ano, no turno da tarde. O estágio foi realizado em dupla e fomos bem recebidas pelos alunos e professores, o que facilitou a continuação do estágio. A partir dos encontros, passamos a observar a turma e os procedimentos metodológicos por parte do professor. Assim, tivemos a oportunidade de perceber como era estabelecida as relações entre os professores e os alunos.

Desse modo, na expectativa de obter elementos que permitissem registrar, analisar e melhor compreender e aprofundar a temática objeto do nosso estudo, aplicamos questionários específicos destinados aos professores e aos alunos da turma observada. Esta turma é formada por 24 alunos, dos quais obtivemos, na aplicação do questionário, 17 respondentes, sendo 14 (quatorze) jovens e 3 (três) adultos, além de 2 (dois) professores.

Dentre os jovens, 10 são do sexo feminino e 04 do sexo masculino, com faixa etária entre 18 e 26 anos. As informações quanto à idade em que foram alfabetizados, surpreendentemente, responderam entre 05 e 06 anos. Isto não deixa de ser um diferencial em relação à maioria dos alunos da escola pública. Todos estes entrevistados já haviam, obviamente, frequentado outras escolas antes de optar pelo Supletivo.

Um aspecto a ser destacado é que, historicamente, a oferta e a procura pelo Supletivo foi direcionada e assumida pelo público adulto com histórias de muito

² De acordo com a LDB Lei 9.394, Seção V, art. 38, os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum no currículo, habilitando o prosseguimento de estudos em caráter regular.

tempo afastado da escola. A demanda do público jovem se dá em razão da sua inserção no mercado de trabalho, mas também a partir da defasagem idade/ano descartada no ensino “regular”. Mais recentemente jovens cada vez mais jovens, com idade a partir dos 16 anos, muitas vezes emancipados pela família, passam a compor essa demanda com vistas a “abreviar” o tempo em busca de uma certificação de estudos de nível médio e/ ou acessar um curso superior. É neste sentido que, praticamente, todos informam como principal motivação para voltar à escola “aprender mais para um futuro promissor”.

Ainda sobre os jovens entrevistados, para a maioria, estudar no turno da tarde é o horário mais conveniente. Consideram a escola importantíssima e útil para a vida e esperam dos professores mais dedicação no ensino, como também melhor “transmissão de conhecimentos” que possam servir para o dia a dia e, também, visando um futuro melhor.

Quanto à frequência à escola, apenas 35% declararam que enfrentam dificuldades, como, por exemplo, em relação aos transportes coletivos e “às vezes o clima”. Os demais afirmam que não enfrentam dificuldades.

Admitindo que é importante uma boa relação entre todos os sujeitos envolvidos no ambiente escolar, 58% dos jovens consideram que têm uma *ótima* relação com a turma e 42% percebem que têm uma *boa* relação. Além disso, um componente facilitador do processo ensino-aprendizagem, como afirmam os educandos, é ter um bom relacionamento com o educador. Portanto, para esses entrevistados, a **afetividade**, no sentido de respeito, atenção, acolhimento etc., na relação professor-aluno é importante e reconhecem que, nessa perspectiva, a mesma está presente nas salas de aula do Curso Supletivo pelo respeito recíproco existente nessa relação, considerado ótimo por 65% dos alunos. Também afirmam os alunos jovens que a dimensão afetiva é importante para a aprendizagem porque ajuda a “melhorar os estudos”.

Quando questionados a respeito do que lhes tem motivado a voltar aos estudos, em geral, informam que é a intenção de construir um futuro promissor para que se sintam satisfeitos com o que fazem, mas reforçam a ideia de que esperam da escola um bom acolhimento por parte de todos da comunidade escolar.

A respeito dos alunos adultos que participaram desta pesquisa (03 respondentes), identificamos, inicialmente, um do sexo masculino e dois do sexo

feminino. Entre eles, 01 se declarou solteiro e 02 casados; todos trabalham e apresentam faixa etária acima de 29 anos.

Existem realidades diferenciadas nas turmas da EJA, do qual os alunos jovens e adultos chegam à escola com opiniões e valores já formados, trazendo consigo uma trajetória de vida que influenciou a permanência no ambiente educacional. Portanto, os alunos adultos entrevistados apresentam em suas respostas as experiências, transformações e expectativas que contribuem para o seu conhecimento. Todos os alunos afirmam ter frequentado a escola quando criança, mas abandonaram os estudos por reais motivos como responsabilidades com a família, desmotivação e problemas financeiros. Todavia, com “expectativas de chegarem mais longe”, relatam lembranças positivas da escola, como os amigos e os “excelentes” professores.

Ao escolherem voltar a frequentar os estudos, os adultos entrevistados buscam a necessidade de ampliar seus conhecimentos e ter uma formação superior para novas oportunidades no mercado de trabalho. Afirmam, ainda, que nunca enfrentaram situações em que faziam falta a leitura e a escrita, mas acreditam que saber ler e escrever é um importante diferencial para a vida profissional e pessoal.

Esses alunos, por passarem bastante tempo sem estudar, ao voltarem para a escola esperam ter um ensino de qualidade para aumentar seus conhecimentos. Assim como os alunos jovens, todos os adultos têm uma ótima relação com a turma e consideram o bom relacionamento com o professor necessário e relevante, pois, para eles, os rendimentos nos estudos são melhores, os professores são suas referências e o diálogo gera conhecimento. Consequentemente, a afetividade na relação professor-aluno é importante porque, para eles, “sem respeito, atenção e acolhimento não podem viver um ensino com qualidade”. Desse modo, os alunos acreditam que a afetividade está presente na sala de aula através do respeito, atenção e aulas agradáveis, em que o modo de relação dos professores com a turma é ótimo, pois eles são “atentos, comunicativos e respeitosos”.

Por fim, os alunos adultos declaram que, para a aprendizagem deles, a afetividade é importante porque cria vínculos afetivos entre as pessoas, facilitando com que o aluno se sinta feliz em vir para a sala de aula e interessado em aprender, para que a aprendizagem não fique limitada.

O questionário para os professores só foi possível ser aplicado com dois entrevistados, ambos do sexo masculino, pelo fato de haver apenas as aulas dos

dois professores no dia de Estágio. Um deles, de 26 anos, professor de Matemática, formado em Física (Bacharelado e Licenciatura), atua como professor há quatro anos, porém atua há seis meses na EJA. O professor de Língua Inglesa, com 41 anos, é Mestre em Linguística, com tempo de atuação docente há oito anos e há cinco na EJA.

Como já nos referimos anteriormente, é imprescindível que o educador esteja a cada momento refletindo sobre a sua prática, como também a necessidade de uma formação continuada para que estejam sempre aprimorando seus conhecimentos referentes à sua área de atuação e preparados para novos desafios que venham a surgir. Surpreendentemente, os professores entrevistados afirmam que não participaram de nenhuma formação continuada na EJA, o que é um fator indispensável na contribuição da formação desses educadores e que precisa ser assumida como um processo contínuo.

Os professores entrevistados acreditam que ensinar jovens e adultos requer uma atenção específica pelo fato de estarem diante de *alunos desacreditados* e que, por um motivo ou outro, deixaram de acreditar na educação, sendo de suma importância que “educadores reacendam a chama da paixão que é educação”. Consideram também que a desmotivação e a auto discriminação são pontos fortes, principalmente, em alunos com faixa etária mais avançada.

O papel do professor é fundamental para o direcionamento do processo educativo. Afinal, é ele quem assume a mediação deste processo de construção do conhecimento. Nesse sentido, os dois entrevistados afirmam que ser facilitador, motivador e fazer com que os alunos entendam que “sem educação nada somos” são características consideradas indispensáveis ao educador. Assim, eles percebem a relação professor-aluno como harmoniosa no contexto onde trabalham (salas de aula do Ensino Supletivo) e, através dessa relação, conseguem identificar a vontade que os alunos têm em aprender. Acreditam, também, na importância do acolhimento nas práticas pedagógicas como uma forma de organizar e planejar a própria prática.

Sem dúvida, estamos aqui tratando da afetividade no interior do processo ensino-aprendizagem. A este respeito, os entrevistados declaram que a relação de respeito, compromisso, tratamento e companheirismo são aspectos afetivos que se estabelecem no processo educacional. Desse modo, os professores responderam, com base na sua atuação profissional, que a afetividade está presente nas suas práticas educativas “através do relacionamento construído dentro e fora da sala de

aula, tratando seus alunos de forma que possam se sentir aceitos da forma que são". Para eles, é relevante a dimensão afetiva na relação entre o educador e o educando e "com o contato afetivo conseguimos diminuir os abismos que distanciam os alunos de nós e deles mesmos".

"O que é formador não é a experiência, mas a reflexão sobre a experiência."

(A. Nóvoa)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos registros e reflexões apresentadas neste trabalho, tecemos algumas considerações, as quais não pretendem ser conclusivas, mas que almejam expressar a nossa compreensão e leitura neste momento.

A Educação de Jovens e Adultos – EJA, enquanto uma modalidade da Educação Básica destinada aos indivíduos que não tiveram a oportunidade de iniciarem ou concluírem seus estudos, na perspectiva aqui defendida, passa a ser uma necessidade para os protagonistas dessa realidade construírem e reconstruírem os conhecimentos que eles já possuem.

Assim, é preciso que as escolas e os profissionais da educação estejam preparados para atender a demanda do público jovem e adulto, repensando na reestruturação da proposta curricular da escola e desenvolvendo condições necessárias e adequadas para a construção de uma aprendizagem significativa como a permanência do educando. Acreditar em maneiras adequadas que possibilitem mudanças nas propostas pedagógicas para atender esse público torna-se indispensável.

Nesse sentido, refletimos as relações favoráveis e gratificantes criadas no âmbito educacional contribuirão no processo ensino-aprendizagem, do qual tanto o professor quanto o aluno irão juntos percorrer um caminho de aprendizado.

Tomando como eixo norteador deste estudo a afetividade que implica no processo de desenvolvimento do indivíduo, é a partir dela que o mesmo conseguirá estimular sua autoestima, segurança, força de vontade e determinações.

Reforçamos, assim sendo, que as relações cognitivas e afetivas estão totalmente inter-relacionadas e, conseqüentemente, os elementos indissociáveis no desenvolvimento. Assim, a afetividade age como um dos mecanismos que contribuem para a aquisição do conhecimento e passa a se fazer presente na relação professor-aluno.

Consideramos, ainda, que a afetividade de natureza biológica é influenciada pelas interações sociais, portanto, ela é expressa nas relações estabelecidas entre os sujeitos da EJA (educadores e educandos) através do respeito ao outro, na partilha de saberes, na atenção, entre outros fatores relevantes que passam a facilitar a permanência do educando jovem/adulto na escola e também a ser um aspecto motivacional para continuarem os estudos. Confirmamos essa ideia a partir

da afirmação de uma aluna adulta (45 anos) que diz: *“a afetividade é importante, pois faz com que eu me sinta feliz em vir para a aula, gosto de aprender”*.

Em contato com o campo de pesquisa, percebemos que no Supletivo da UFPB há espaço viável e possível de proporcionar em suas práticas aspectos afetivos, objetivando promover aos alunos jovens e adultos um suporte para cada novo desafio que venha surgir. Trata-se, então, de um elemento fundamental para os vínculos estabelecidos entre os alunos (sujeitos) e os objetos (conteúdos) através da mediação pedagógica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. **Afetividade e aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 15 jan. 2013.

_____. **Parecer CNE/CEB nº 11/2000**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2013.

_____. **Caderno EJA 1**: trabalhando com a educação de jovens e adultos – alunas e alunos de EJA. Brasília: MEC/SECAD, 2006a.

_____. **Caderno EJA 2**: trabalhando com a educação de jovens e adultos – a sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem. Brasília: MEC/SECAD, 2006b.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CARVALHO, Dieikson. **A importância da afetividade na construção do conhecimento através do processo ensino-aprendizagem**. Universidade Federal de Lavras, 2010. Disponível em: <<http://dieiksonprof.files.wordpress.com/2010/01/afetividade-e-conhecimento-dieikson.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Virtudes do educador**. Vereda, 04/1982. Disponível em:
<<http://acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/1475>>. Acesso em: 14 fev. 2013.

GADOTTI, Moacir. **Educação de jovens e adultos**: um cenário possível para o Brasil. 2003. Disponível em: <http://siteantigo.paulofreire.org/pub/Institu/SubInstitucional1203023491lt003Ps002/EJA_Um_cenario_possivel_2003.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2013.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012.

LUCK, Heloísa; CARNEIRO, Dorothy Gomes. **Desenvolvimento afetivo na escola**: promoção, mediação e avaliação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. **Eccos Revista**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 79-88, 2002.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da educação**, São Paulo, n. 20, jun. 2005.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBBAUS, Claus Dieter. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. **Educação**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, 2006.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão *et al.* **Educação para jovens e adultos**: Ensino Fundamental: Proposta curricular - 1º Segmento. São Paulo: Ação Educativa; Brasília; MEC, 2001.

VIEIRA, Renata Marques de Souza. **Afetividade e aprendizagem**. 2004. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Universidade Candido Mendes, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – MODELO DO QUESTIONÁRIO DA PESQUISA/PROFESSOR***QUESTIONÁRIO DE PESQUISA – PROFESSOR (A)***

Idade: _____

Sexo: F() M()

1. Qual sua formação? _____
2. Qual seu tempo de atuação profissional? _____
3. Que disciplina ministra? _____
4. Há quantos anos atua na EJA? _____
5. Participou de alguma formação continuada em EJA? Caso positivo, qual?

6. Em sua opinião, ensinar jovens e adultos requer uma atenção específica? Por quê?

7. Para você, qual a importância do papel do professor na educação de jovens e adultos?

8. Como você percebe a relação professor-aluno no contexto onde você trabalha?

9. Você tem um bom relacionamento com seus alunos? () SIM () NÃO
10. É importante o acolhimento nas ações pedagógicas? Por quê?

11. O que você considera sendo afetividade na relação professor-aluno?

12. Com base na sua atuação, a afetividade (respeito, atenção, acolhimento, etc.) está presente nas suas práticas pedagógicas? Como?

13. É relevante a dimensão afetiva está presente na relação professor-aluno? Por quê?

APÊNDICE B – MODELO DO QUESTIONÁRIO DA PESQUISA/ALUNO JOVEM

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA - ALUNO JOVEM

Idade: _____ Sexo: F () M () Origem: () Campo () Cidade

Série/ Ciclo/ Segmento da EJA cursando atualmente: _____

Local onde mora: _____

Trabalha: () SIM () NÃO Tem filhos: () SIM () NÃO

1. Com que idade, onde e como você foi alfabetizado?

2. Você frequentou outras escolas, antes desta? () SIM () NÃO
 - Em caso Positivo – () escola pública () escola particular
() outra: _____
3. Algum professor/a foi marcante na sua trajetória escolar? Por quê?

4. O que mais lhe motiva a vir à escola?

5. Por que você estuda à tarde?

6. O que você espera da escola?

7. O que você aprende na escola é útil na sua vida? Por quê?

8. Você enfrenta dificuldades para poder estudar?

9. Como é sua relação nessa turma?

10. Considera importante ter um bom relacionamento com o (a) professor (a)? Por quê?

11. É importante a afetividade (respeito, atenção, acolhimento, etc.) na relação professor-aluno? Por quê?

12. Você acha que na relação professor-aluno a afetividade está presente? Como?

13. Como você considera o modo de seus professores se relacionarem com a turma?

14. Para o ensino-aprendizagem, a afetividade é importante? Por quê?

APÊNDICE C – MODELO DO QUESTIONÁRIO DA PESQUISA/ALUNO ADULTO***QUESTIONÁRIO DE PESQUISA - ALUNO ADULTO***

Idade: _____ Sexo: () F () M

Origem: () Campo () Cidade

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Tem filhos: () SIM () NÃO

1. Você frequentou a escola quando criança? () SIM () NÃO

2. Que motivo(s) lhe fez parar de estudar?

3. Que lembrança você tem da escola?

4. O que lhe motivou a voltar a estudar?

5. Já enfrentou alguma situação em que fez faltar saber ler ou escrever?

6. Saber ler e escrever poderá/poderia mudar alguma coisa na sua vida profissional?

7. O que você espera da escola?

8. Como é sua relação nessa turma?

9. Considera importante ter um bom relacionamento com o (a) professor (a)? Por quê?

10. É importante essa dimensão afetiva nessa relação? Por quê?

11. Você acha que na relação professor-aluno a afetividade está presente? Como?

12. Como você considera o modo de seus professores se relacionarem com a turma?

13. Para o ensino-aprendizagem, a afetividade é importante? Por quê?